

SHEILA PATRÍCIA CARVALHO SILVA DIOGO

**RELAÇÕES NO CONTEXTO DA FRATRIA E SINTOMATOLOGIA
DEPRESSIVA NA ADULTEZ EMERGENTE:
SER O IRMÃO MAIS VELHO OU MAIS NOVO, EIS A QUESTÃO**

Orientador: Professora Doutora Ana Prioste
Co-orientadora: Professora Doutora Eunice Magalhães

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida
2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa
2019

SHEILA PATRÍCIA CARVALHO SILVA DIOGO

**RELAÇÕES NO CONTEXTO DA FRATRIA E SINTOMATOLOGIA
DEPRESSIVA NA ADULTEZ EMERGENTE:
SER O IRMÃO MAIS VELHO OU MAIS NOVO, EIS A QUESTÃO**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia no dia 10 de janeiro de 2019, perante o júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 348/2018, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Bárbara Nazaré

Arguente: Prof.^a Doutora Bárbara Gonzalez

Orientadora: Prof.^a Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2019

Agradecimentos

Ao terminar esta etapa tão significativa não podia de deixar de agradecer a todos os que tiveram presentes e me apoiaram nesta caminhada e que, directa ou indirectamente, tornaram possível a realização deste trabalho os meus mais sinceros agradecimentos a todos. Em primeiro lugar a Deus, pelas bênçãos sem fim e pela alegria de viver em sua presença.

À Professora Doutora Ana Prioste em especial, pela imensa disponibilidade, atenção, paciência, dedicação, orientação, incentivo, tolerância e profissionalismo. Pelo apoio incondicional, um exemplo de profissionalismo que igual não há, sempre disponível, disposta a auxiliar e partilhar seus conhecimentos. Pelo seu suporte e ensinamentos ao longo destes dois anos, muito aprendi, foi imprescindível para a realização desta dissertação, nunca conseguirei agradecer o suficiente por toda a orientação e paciência que foi fundamental para a realização deste trabalho. O meu muito obrigado por tudo, por dividir seu conhecimento de forma tão genuína e afetuosa, por permitir que participasse das aulas com a minha filha, quando as escolas fizessem breves, e não tinha onde deixar. Meus mais sinceros e profundos agradecimentos!

À Professora Doutora Eunice Magalhães agradeço por ter aceite orienta-me, pela sua disponibilidade, paciência, partilha de conhecimentos, experiências e profissionalismo. O meu muito obrigado, por tudo.

Às minhas colegas de mestrado, Mayara e Natércia, em especial a Daniela Borges e Rafaela Lourenço. À Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e à Escola de Psicologia e Ciências da Vida, pelo acolhimento e formação de excelência que me permitiram chegar até aqui. A todos os professores e colegas, pois todos, de forma directa ou indirecta, contribuíram para o meu crescimento académico e pessoal.

Não poderia de maneira alguma deixar de agradecer a todos os participantes que participaram na investigação de forma voluntária e se disponibilizaram para contribuir para a realização deste trabalho.

À minha família, ao meu marido por acreditar em mim, por ser a minha fonte de motivação e o bom ouvinte, por ter sempre uma palavra no momento certo, por ser o meu pilar, às minhas princesas Jasmim e Ariane, que estudavam comigo por várias vezes, pelo amor incondicional, paciência, alegria, segurança e encerraram esta jornada com uma cumplicidade e aventura longe da avó que tanto amam.

O meu muito obrigada!

Resumo

A literatura tem mostrado que as aprendizagens que ocorrem no contexto fraternal modelam as relações sociais futuras e contribuem para o ajustamento individual e social. Apesar de vários estudos mostrarem uma associação negativa entre a qualidade das relações fraternais e a sintomatologia depressiva, a relação entre a identificação à fratria e a perturbação emocional em adultez emergente e o papel da posição na fratria nestas relações ainda não foram suficientemente investigados. Tendo em conta as lacunas da literatura identificadas, no presente estudo, pretende-se analisar o papel moderador da posição na fratria na relação entre a identificação com o grupo e a sintomatologia depressiva e entre a qualidade da relação na fratria e a sintomatologia depressiva. Participaram, neste estudo, 130 adultos emergentes, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23.35$, $DP = 3.64$), que pertencem a fratrias de dois elementos. Os participantes responderam a um conjunto de instrumentos de autorrelato. Os resultados mostraram que a posição na fratria modera a relação entre a autocategorização e a sintomatologia depressiva e entre a avaliação e a sintomatologia depressiva, sugerindo que quando os níveis de autocategorização e de avaliação positiva da fratria são reduzidos, o grupo de irmãos/irmãs mais novo tende a apresentar valores mais elevados de sintomatologia depressiva, comparativamente com o grupo de irmãos/irmãs mais velho. Os resultados enfatizam a relevância da identificação ao grupo fraternal ao nível da psicopatologia, sendo fundamental considerar a posição fraternal na análise desta relação. São discutidas as implicações para a prática e para a literatura nas áreas de Psicologia Clínica, Psicologia da Família e Psicologia Social.

Palavras-chave: relação da fratria; identificação ao grupo; posição na fratria; adultos emergentes; sintomatologia psicopatológica.

Abstract

The literature has shown that the learning that occurs in the fraternal context shapes the future social relations and contributes to the individual and social adjustment. Although several studies show a negative association between the quality of sibling relationships and depressive symptomatology, the relationship between sibling identification and emotional disturbance in emergent adulthood and the role of sibling position in these relationships have not yet been sufficiently investigated. Taking into account the identified literature gaps, the present study intends to analyze the role of moderator of the sibling position in the relationship between the identification with the group and the depressive symptomatology and between the quality of the sibling relationship and the depressive symptomatology. A total of 130 emerging adults, aged 18-30 years ($M = 23.35$, $SD = 3.64$) participated in this study. Participants responded to a set of self-report instruments. The results showed that the sibling position moderates the relation between self-categorization and depressive symptomatology and between evaluation and depressive symptomatology, suggesting that when the levels of self-categorization and positive evaluation of sibling are reduced, the group of younger siblings tends to present higher values of depressive symptomatology compared to the older sibling / sibling group. The results emphasize the relevance of identification to the sibling group at the level of psychopathology, and it is fundamental to consider the fraternal position in the analysis of this relation. The implications for practice and literature in the areas of Clinical Psychology, Family Psychology and Social Psychology are discussed.

Keywords: siblings relationships; group identification; siblings position; emerging adulthood; psychological symptomatology.

Abreviaturas e Siglas

BSI - Inventário de Sintomatologia Psicológica (Brief Symptom Inventory)

CEDIC - Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Clínica

EPCV, ULHT - Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de
Humanidades e Tecnologias

IPE - Índice de Perturbação Emocional

INE - Instituto Nacional de Estatística

ISP - Índice de Sintomas Positivos

SRI - Sibling Relationships Inventory

SPSS - Statistical Package for Social Sciences

SIT - Social Identity Theory

Símbolos

DP – Desvio-Padrão

M – Média

N – Frequência absoluta

% - Percentagem (frequência relativa)

r – Coeficiente de Correlação de *Pearson*

Índice Geral

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Abreviaturas e Siglas	6
Símbolos	6
Introdução	9
Relação na fratria	11
Identificação ao grupo	14
Trajectórias desenvolvimentais em adultos emergentes	16
Questões de investigação	17
Método	17
Participantes	17
Instrumentos.....	18
Procedimento de recolha de dados	20
Procedimento de análise de dados	20
Resultados	21
Estatística descritiva e análise das correlações	21
Análise do papel moderador da posição na fratria na relação entre a identificação ao grupo e a sintomatologia depressiva	22
Análise do papel moderador da posição na fratria na relação entre as dimensões relacionais da fratria e a sintomatologia depressiva	25
Discussão	25
Implicações para a literatura e para a prática	28
Limitações e Estudos Futuros	29
Referências	30

Índice de Quadros

Quadro 1

Estatística Descritiva e Análise das Correlações entre a Autocategorização, a Avaliação do grupo, o Compromisso, a Depressão, o Afeto, a Hostilidade e a Posição na fratria (N = 130) 22

Quadro 2

Análise do Papel Moderador da Posição na fratria na Relação entre Autocategorização e a Sintomatologia Depressiva 22

Quadro 3

Análise do Papel Moderador da Posição na Fratria na Relação entre Avaliação do Grupo e a Sintomatologia Depressiva 24

Introdução

A fratria, enquanto um subsistema familiar que se inicia com o nascimento do segundo filho (Alarcão, 2000; Goldsmid & Fére-Carneiro, 2007; Minuchin, 1990; Relvas, 1996), pode ser conceptualizada como um grupo social. As relações no grupo fraternal tendem a ser estabelecidas precocemente, a estenderem-se ao longo do ciclo de vida (Bank & Kahn, 1997; Dunn, 1983; Goldsmid & Fére-Carneiro, 2007; Michalski & Euler, 2008), envolvendo interações emocional e afetivamente diversas, intensas e duradouras (Dunn, Slomkowski, & Beardsall, 1994; Foote & Holmes-Lonergan, 2003). Com efeito, a literatura tem mostrado que as aprendizagens e interações que ocorrem na fratria modelam as relações sociais futuras (Fernandes, 2005; Minuchin, 1990) e contribuem para o ajustamento individual e para compreensão do desenvolvimento social, cognitivo e emocional (Dunn et al., 1994; Grigsby, 1994; Fernandes, 2002; Tucker & Updegraff, 2009). Em conjunto com as interações e as relações entre outros grupos sociais, as que ocorrem no contexto fraternal podem contribuir para o desenvolvimento da identidade social através da identificação ao grupo e do sentido de pertença à fratria (Magalhães & Calheiros, 2015) e, consequentemente, para o ajustamento psicológico. A posição na fratria tem sido uma variável amplamente estudada na área das relações fraternais, sendo reconhecido o seu impacto na estruturação da personalidade e no desenvolvimento social (Adler, 1984; Dunn & Plomin, 1992; Fernandes, 2002; Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007; Mota, Fernandes, & Serra, 2011). Pela revisão de literatura efetuada, a relação entre a posição na fratria, a identificação ao grupo fraternal, as relações na fratria e a sintomatologia psicológica na adultez emergente não têm sido investigadas. Deste modo, o presente estudo debruçar-se-á sobre este tópico, já que são vários os motivos que justificam o seu aprofundamento.

A maioria dos trabalhos que intersectam as áreas da psicologia clínica e da psicologia da família tem sido focado na identificação de fatores de risco familiares (e.g., funcionamento familiar) e parentais (e.g., relações pais-filhos, práticas parentais) que contribuem para trajetórias desenvolvimentais inadaptativas (e.g., Bullock & Dishion, 2002; Miller, McCullough, & Johnson, 2012; Prioste, Cruz, & Narciso, 2010; Teodoro, Hees, Saraiva, & Cardoso, 2014), negligenciando as relações que ocorrem na fratria (Fernandes et al., 2007; Gayet, 1993). Além disso, a investigação nesta área não tem

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão

explorado de forma sistemática os contributos teóricos da psicologia social no desenvolvimento da psicologia clínica e da família. O estudo destas relações intrafamiliares assume especial importância se atendermos ao facto de que, em Portugal, a maioria das pessoas cresce com, pelo menos, um irmão/uma irmã (INE, 2016), apesar das alterações sociais significativas ocorridas nas últimas décadas (e.g., aumento da taxa de divórcio, entrada das mulheres para o mundo do trabalho, índice baixo de nupcialidade e de natalidade) terem contribuído para a redução da dimensão das fratrias (Fernandes et al., 2007; Francisco, Monteiro, Pinto, & Gaspar, 2016; Ribeiro, 2016).

Existe um corpo vasto de literatura internacional (e.g., Gayet, 1993; Mowrer & Parker, 2004) e nacional (e.g., focado na associação entre as relações na fratria e a sintomatologia psicopatológica na infância e na adolescência que indica uma associação negativa entre as relações fraternais positivas (i.e., com níveis de afeto elevados e níveis baixos de hostilidade) e o desenvolvimento de quadros psicopatológicos. Contudo, foi identificada uma escassez de trabalhos que abordem esta relação com amostras de adultos emergentes e que explorem o potencial papel moderador da posição na fratria nesta relação. Sendo a adultez emergente uma etapa desenvolvimental proposta recentemente (Arnett, 2000) e considerando as especificidades das tarefas que engloba e dos processos psicológicos associados (e.g., vivência da instabilidade, a experiência de possibilidades/otimismo, o sentimento de ambiguidade e a autocentração, são tarefas desenvolvimentais centrais desta etapa [Arnett, 2015]), é relevante perceber a forma como a percepção da qualidade da relação na fratria se relaciona com um dos quadros psicopatológicos prevalentes nesta etapa – a perturbação depressiva (Kessler, Berglund, Demler, Merikangas, & Walters, 2005; Seligman & Ollendick, 1998). Para além disso, este problema de investigação ainda se torna mais relevante, atendendo às especificidades das relações na fratria nesta etapa desenvolvimental, nomeadamente, o facto de serem mais simétricas (Buhrmester & Furman, 1990) e se focarem na partilha de dificuldades (Mota & Rocha, 2012).

A literatura na psicologia social aponta para que a identidade social dos indivíduos seja desenvolvida a partir das relações estabelecidas com um ou mais grupos sociais (Worchel, Iuzzini, Coutant, & Ivaldi, 2000). Os trabalhos que têm sido desenvolvidos nesta área tendem a focar-se na identificação ao grupo de pares com amostras de adolescentes (e.g., Magalhães & Calheiros, 2015; Magalhães, Calheiros, &

Costa, 2016) – partindo do pressuposto de que a adolescência é um período crítico para o desenvolvimento da identidade pessoal e social (Erikson, 1972; Tanti, Stukas, Foddy, & Halloran, 2011) – ou em amostras de adultos¹. Apesar de a fratria ser um grupo social fulcral para o desenvolvimento (Fernandes, 2005), não foram identificados trabalhos centrados na identificação ao grupo fraternal nem à sua relação com o ajustamento psicológico com amostras de adultos emergentes. Com efeito, a literatura sobre o papel da identificação ao grupo e da identidade social no ajustamento psicológico revela de forma sistemática o seu papel positivo, nomeadamente, enquanto protetor da autoestima (Cruwys et al., 2014) e do ajustamento psicológico (Cruwys et al., 2015). O interesse por esta questão cresce, ainda, considerando o facto da exploração da identidade ser também uma tarefa desenvolvimental da adultez emergente, através da exploração das opções disponíveis nas áreas relacional e académica/profissional (Arnett, 2000, 2015).

Relação na fratria

Adler (1984) enfatizou a importância das relações fraternais, caracterizando-as como o primeiro “*microcosmo social*”, através do qual as crianças estabelecem relações horizontais com os seus semelhantes. Também Minuchin (1974, 1988) descreveu o funcionamento das relações na fratria como um laboratório social, ressaltando os limites relacionais experienciados nestas relações. No mesmo sentido, Fernandes (2005) descreve o laço fraternal como a base e o modelo do laço social, na medida em que as relações na fratria moldam as relações extrafamiliares e sociais futuras (e.g., pares, colegas de trabalho, cônjuges). Para além disso, em contextos de fragmentação familiar (e.g., processo de divórcio), as relações fraternais são consideradas como ilhas de estabilidade e interdependência (Almodovar, 1986; Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007; Kaës, 2008).

As relações fraternais são marcadas por dimensões positivas, nomeadamente o afeto (i.e., a intimidade, o carinho e a afetividade), e por dimensões negativas (e.g., a rivalidade e a conflituosidade/hostilidade), sendo que ambas desempenham um importante papel no desenvolvimento na infância, na adolescência e na idade adulta, através das aprendizagens que proporcionam (Buhrmester & Furman, 1990; Volling, 2003). Por um lado, o afeto e a união, entre a fratria permitem a aprendizagem de

¹ Os estudos com amostras de adultos têm sido focados na relação entre a identificação ao grupo e o desempenho organizacional (Korte, 2007), na relação entre a identificação ao grupo e a eficácia de intervenções residenciais focadas no abuso de substâncias (Mawson, Best, & Lubman, 2016) e na relação entre a identificação ao grupo e a sintomatologia depressiva (Cruwys, South, Greenaway, & Haslam, 2015).

competências como a partilha e a colaboração no grupo, ajudando o indivíduo na socialização e na integração de novos grupos sociais e o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais. Diversos autores (e.g., Brown & Dunn, 1996; Brown, Donelan-McCall, & Dunn, 1996; Farver & Wimbarti, 1995; Perner, Ruffman, & Leekman, 1994; Youngblade & Dunn, 1995) têm sublinhado o papel da qualidade das relações fraternais no desenvolvimento da compreensão dos afetos, pensamentos e dos sentimentos dos outros. Por outro lado, os conflitos fraternais contribuem para que os elementos da fratria adquiram outras competências sociais (e.g., competição) e de autorregulação emocional (e.g., lidar com os sentimentos de perda e de raiva), possibilitando o estabelecimento de limites (Faber & Mazlish, 1995; Silveira, 2009).

Apesar da relação entre a fratria poder ter um potencial destrutivo quando existem níveis elevados de conflito e de hostilidade (Brody 1998; Fernandes, 2002), os trabalhos de diversos autores sugerem que a qualidade da relação fraternal pode funcionar como fator protetor em trajetórias inadaptativas (Bullock & Dishion, 2002; Grigsby, 1994) principalmente na adolescência (Dunn et al., 1994). Deste modo, Brody (1998) sugere que, quando a relação entre a fratria é positiva, os elementos da fratria tendem a interagir mais entre si e têm mais oportunidades para observar e aprender uns com os outros, permitindo desenvolver competências de cooperação e de antecipação.

Minuchin (1974, 1988) defende que a qualidade da relação fraternal, tal como é percebida pelos vários elementos da fratria, permite-nos compreender a forma como as famílias criam uma visão partilhada do seu contexto social, isto é, como se definem e como constroem uma visão conjunta das experiências vividas. Neste sentido, Hinde (1979) defende a necessidade de avaliar a percepção que os membros da família têm sobre as suas relações para perceber como estas influenciam a dinâmica familiar como um todo. Fernandes (2005) defende que a divergência das percepções e interpretações dos elementos da fratria em relação à forma como se relacionam pode estar associada à diferenciação de cuidados parentais, isto é, à parcialidade do tratamento parental.

As variáveis associadas às relações fraternais da constelação fraternal (e.g., dimensão da fratria, posição na fratria, composição da fratria e a diferença de idade) têm sido alvo de diversos estudos ao longo das últimas décadas. Por exemplo, os trabalhos de Fernandes (2002) mostraram que a intensidade e a qualidade das relações entre os irmãos

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão

estão associadas negativa e significativamente à dimensão da fratria. Também Fernandes, em 2005, mostrou que, durante a infância, as fratrias do mesmo género revelam comportamentos mais agressivos entre si, em comparação com fratrias mistas em relação ao género; porém, na adolescência, as fratrias homogéneas em relação ao género parecem partilhar mais experiências e segredos entre si.

A ordem de nascimento/posição na fratria tem sido descrita como uma variável primordial para entender o desenvolvimento dos indivíduos (Fernandes, 2002) e a atribuição de papéis familiares (Toman, 1961). Adler (1926/1984) foi um dos primeiros autores a abordar esta questão, defendendo que a posição na fratria, a par do sexo e da dimensão da fratria, assume uma importância central na modelação da personalidade que pode ser possível reconhecer, com rapidez, se uma pessoa é filho único, o filho mais velho ou o mais novo. Apesar de a sua teoria não ter sido testada empiricamente, Adler (1926/1984) definiu, em traços gerais, a personalidade do filho mais velho, do segundo filho, do filho do meio, do filho mais novo, do filho único e de outras posições fraternais, como ser o único rapaz entre raparigas, pertencer a uma fratria de gémeos e fratrias femininas (para uma simplificação desta teoria vide Stein [2006]).

No mesmo sentido, a teoria das constelações familiares (Toman, 1959, 1993, 1995) também sugeriu a existência de um perfil de personalidade característico, considerando a ordem de nascimento, o sexo, as diferenças de idade e a dimensão da fratria. Com base nesta teoria têm sido desenvolvidos diversos trabalhos, por exemplo, o trabalho de Fernandes e colaboradores (2007), com uma amostra de 1142 estudantes universitários ($M = 21.28$) que ocupavam diferentes posições na fratria (e.g., mais velhos, mais novos e do meio), pretendeu perceber se a posição na fratria contribui para a variação numa ou em várias facetas da personalidade avaliadas pelo NEO Personality Inventory – Revised. Os resultados deste trabalho mostraram que: (1) os que ocupam a primeira posição na fratria (i.e., os mais velhos) são mais obedientes ao dever, às normas e valores familiares, mais altruístas e menos hostis do que os do meio, e tendem também a ser mais conservadores e deliberados (e.g., planificam e ponderam antes de agirem) que os não primogénitos; (2) os mais novos tendem a ser mais amáveis (i.e., mais retos e complacentes) que os do meio (Fernandes et al., 2007). No mesmo sentido, outros autores têm referido que os irmãos/as mais velhas/os sentem-se compelidos a dar o exemplo aos

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão mais novas/os, são conservadores, enquanto os/as mais novos/as são mais cordiais e organizados (Silveira, 2009; Fernandes, 2002).

Os trabalhos de Sulloway (1997), focados na relação entre a posição na fratria, a qualidade da relação na fratria e suas personalidades dos elementos da fratria mostraram que: (1) os filhos primogénitos são menos altruístas, afectuosos e cooperantes na relação com os outros elementos da fratria, apesar disso, ajudam a cuidar dos irmãos, tentando mostrar responsabilidade e consciência do seu papel; e (2) os mais novos tendem a ser mais aventureiros, estando mais abertos a experiências.

Apesar das diferenças entre irmãos em função da posição na fratria apontadas por diversos trabalhos teóricos e empíricos, a literatura mostra que os irmãos mais novos tendem a identificar-se com os mais velhos a partir de um processo de reprodução/imitação (Dunn & Kendrick, 1986). Desta forma, os irmãos mais novos tendem a modelar o seu comportamento a partir dos irmãos mais velhos, imitando os seus comportamentos no tempo que passam em conjunto (Fernandes, 2005). Para além disso, os irmãos mais novos tendem a percepcionar os mais velhos como uma base para exploração do meio (Stewart, 1983).

No que concerne à associação entre a dinâmica relacional da fratria e a sintomatologia psicológica, no geral, os trabalhos empíricos existentes (e.g., Figueiredo et al., 2002; Lopes et al., 2017; Mowrer & Parker, 2004) sugerem que as pessoas que têm relações negativas com o grupo fraternal apresentam uma maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de quadros psicopatológicos. Apesar de não existirem muitos estudos sobre a relação entre a dinâmica relacional fraternal e a sintomatologia depressiva, os trabalhos existentes indicam uma associação positiva entre relações fraternais caracterizadas por agressividade e hostilidade e perturbações depressivas (Gayet, 1993).

Identificação ao grupo

A partir dos estudos desenvolvidos na psicologia social, nomeadamente, baseados na teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1979) e na teoria da autocategorização (Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987), sabemos que os grupos sociais modelam as pessoas através da forma como influenciam a construção dos processos de desenvolvimento do *self*. Assim, a construção do *self* decorre necessariamente da pertença dos indivíduos a grupos sociais, permitindo-lhes o

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão desenvolvimento de sentimentos de segurança, conforto, propósito e sentido de vida (Cruwys et al., 2014).

De acordo com a conceptualização de Tajfel (1978), a identificação ao grupo engloba três componentes distintos: emocional, cognitivo e afectivo. Assim, os indivíduos definem-se na relação e pertença a grupos sociais, sendo esta pertença uma fonte de ligação/conexão emocional que permite explicar o comportamento grupal (Spears, 2011). Alguns trabalhos empíricos têm apoiado esta perspectiva (e.g., Cava, Buelga, Herrero, & Musitu, 2011; Magalhães & Calheiros, 2015), sugerindo que este construto engloba as dimensões autocategorização (i.e., sentimento de pertença ao grupo), avaliação do grupo (i.e., forma como o grupo é avaliado e valorizado) e compromisso (i.e., percepção da relação e do compromisso com os outros elementos do grupo).

Tal como foi referido, não foram identificados estudos focados na identificação ao grupo fraternal. Os estudos existentes têm analisado a identificação a outro tipo de grupos, como por exemplo, os pares e grupos em vulnerabilidade social (e.g., Kiesner, Cadinu, Poulin, & Bucci, 2002; Magalhães & Calheiros, 2015; Magalhães et al., 2016; Tarrant, MacKenzie, & Hewitt, 2006), e grupos étnicos (Michael, Kiecolt, Keith, & Demo, 2015). A literatura mostra que a identificação com vários grupos sociais promove o ajustamento, estratégias de *coping* adaptativas e a auto-estima (e.g., Cruwys et al., 2015; Ysseldyk, Matheson, & Anisman, 2010, 2011), protegendo o bem-estar em situações traumáticas (Iyer, Jetten, Tsivrikos, Postmes, & Haslam, 2009). Para além do referido, os estudos nesta área mostram que a identificação ao grupo tem um efeito protetor em quadros de ansiedade e depressão (Cruwys, Dingle, Haslam, Haslam, Jetten, & Morton, 2013; Cruwys et al., 2015; Sani, Herrera, Wakefield, Boroch, & Gulyas, 2012; Ysseldyk, Haslam, & Haslam, 2013) e que altera a forma como o *stress* é experienciado e expresso, quer psicológica, quer psicofisiologicamente (Reicher & Haslam, 2006). Assim, níveis elevados de identificação ao grupo tendem a funcionar como protectores face ao *stress* experienciado, fortalecendo também a capacidade dos indivíduos para lidar com o *stress* (Khan, Hopkins, Tewari, Srinivasan, Reicher, & Ozakinci, 2014).

Os fatores que contribuem para a relação entre a identificação ao grupo e o bem-estar não estão totalmente identificados. Contudo, a literatura tem-se focado no papel do suporte social recebido e providenciado (e.g., Haslam, Reicher, & Levine, 2012), da auto-estima (Bailis, Chipperfield, & Helgason, 2008) e da percepção de controlo (Greenaway,

Haslam, Cruwys, Branscombe, Ysseldyk, & Heldreth, 2015). De uma forma mais específica, o trabalho de Greenaway e colaboradores (2015), com uma amostra de estudantes universitários, mostrou que as pessoas com uma identidade social positiva/ajustada têm menos tendência para interpretar negativamente acontecimentos através de causas internas, estáveis e globais (e.g., “Falhei porque sou incapaz”). Desta forma, os autores sugerem que a identidade social pode contribuir para o ajustamento psicológico através do reforço de interpretações positivas face a acontecimentos stressantes, protegendo o *self* e a auto-estima individual (Greenaway et al., 2015).

Trajectórias desenvolvimentais em adultos emergentes

As alterações dos padrões sociais e culturais dos países industrializados ocidentais contribuíram para que as tarefas que, tradicionalmente, assinalavam o começo da idade adulta (e.g., casamento, parentalidade) fossem adiadas (Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009), prolongando a permanência em casa dos pais, o percurso académico e a dependência económica (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012). A consolidação destas mudanças e o seu reflexo nas trajectórias desenvolvimentais através do atraso da maturação psicossocial e do adiamento da exploração da identidade e da individuação, conduziu à definição de uma nova etapa desenvolvimental – a adultez emergente (Arnett, 1998, 2000, 2001, 2004).

De uma perspetiva conservadora, a adultez emergente decorre entre os 18 e os 25 anos (fim da adolescência e o início da vida adulta)² e caracteriza-se pela exploração da identidade, instabilidade, a autocentração, a vivência da ambiguidade entre não ser adolescente e não se sentir adulto e a experimentação de várias possibilidades (e.g., relacionamentos amorosos, trabalho e na visão do mundo), envolvendo mudanças profundas na autonomia, na coabitação, nos papéis sociais e profissionais e nas relações familiares, (e.g., Arnett, 2000, 2004). A teoria da vinculação tem-se mostrado útil na compreensão das estratégias e das respostas comportamentais e emocionais aos stressores

² De relevar que a definição dos limites temporais desta etapa é sensível ao contexto (e.g., Arnett, 2015) e que os trabalhos realizados em Portugal apontam para possa ser definida através da maturidade psicológica e independência económica (Mendonça et al., 2009). Tendo em conta o contexto socioeconómico português e os trabalhos de vários autores (e.g., Arnett, 2015; Brandão et al., 2012; Prioste, Ascensão, Magalhães, & Jongenelen, in press), neste trabalho a faixa etária da adultez emergente para o período que decorre entre os 18 e os 30 anos.

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão associados a esta transição desenvolvimental, especificamente na negociação da autonomia e da manutenção da conexão com a família (Riggs & Han, 2009).

À semelhança de outras transições desenvolvimentais, as transformações individuais, relacionais e contextuais que ocorrem na adultez emergente são marcadas quer por oportunidades de crescimento, quer por riscos. Diversos autores (e.g., Schulenberg, Bryant, & O'Malley, 2004; Schulenber, Sameroff, & Cicchetti, 2004) consideram que os stressores internos e externos da adultez emergente podem contribuir para alterações significativas na saúde mental. Para além disso, a adultez emergente é considerada um período de risco acrescido para o início de perturbações depressivas (Seligman & Ollendick, 1998).

Atendendo aos processos e à instabilidade que esta etapa envolve (Arnett, 2000), e ao surgimento dos primeiros sintomas de perturbação da saúde mental (e.g., perturbações depressivas, psicóticas e esquizofrénicas) (Kessler et al., 2005), releva-se a importância do estudo do papel de contextos desenvolvimentais proximais no ajustamento psicológico nesta etapa (Schulenber et al., 2004).

Questões de investigação e objetivos

A revisão de literatura efetuada conduziu-nos à formulação das seguintes questões de investigação: que relação existe entre a posição na fratria, a sintomatologia depressiva, a identificação ao grupo e a relação na fratria?; como é que a posição na fratria afeta a relação entre a identificação ao grupo e a sintomatologia depressiva?; como é que a posição na fratria afeta a relação entre a relação na fratria e a sintomatologia depressiva?

No sentido de dar resposta a estas questões, no presente estudo, através de um desenho quantitativo e transversal, iremos analisar: (1) a relação entre a identificação com o grupo, a qualidade da relação na fratria, a posição na fratria e a sintomatologia psicológica em adultos emergentes; (2) o papel moderador da posição na fratria na relação entre a identificação com o grupo e a sintomatologia depressiva; (3) o papel moderador da posição na fratria na relação entre a relação na fratria e a sintomatologia depressiva. Através da compreensão mais aprofundada das relações referidas, pretende-se contribuir para a expansão do conhecimento nas áreas da psicologia clínica e psicologia da família, integrando contributos teóricos e empíricos da psicologia social.

Método

Participantes

A amostra é constituída por diáde, por 130 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23.35$, $DP = 3.64$), dos quais 72 são do sexo feminino (55.4%) e 58 do sexo masculino (44.6%). Em relação à posição na fratria 49.2% ($n = 64$) dos participantes ocupa a primeira posição na fratria (i.e., irmãos/irmãs mais velho/as) e 50% ($n = 65$) dos participantes ocupa a segunda posição na fratria (i.e., irmãos/irmãs mais novo/as). Em relação ao nível de escolaridade, 3.8% tem entre 7 a 9 anos de escolaridade, 26.9% entre 10 a 12 anos de escolaridade, 48.5% frequenta o ensino superior e 20.8% concluiu o ensino superior. Relativamente a situação profissional/ocupacional, 55.4% dos participantes são estudantes, 4.6% estudantes trabalhares, 33.9% trabalhadores e 2.3% desempregados. No que diz respeito a zona de residência, 1.5% reside na zona Norte, 13.1% na zona Centro, 47.7 na Grande Lisboa, 22.3% nos Açores e 12.3% na Madeira.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos. Os participantes responderam a um questionário de dados pessoais e sociodemográficos que incluía questões individuais (e.g., idade, sexo, nível de escolaridade) e questões sobre a fratria (e.g., dimensão da fratria, posição na fratria; sexo, idade e o nível de escolaridade dos irmãos/das irmãs).

Sibling Relationships Inventory (SRI; versão original: C. M. Stocker & S. M. McHale, 1992; tradução e adaptação para população portuguesa: Portugal & Prioste, 2017). O SRI é um questionário de auto-relato constituído por 13 itens e avalia as relações na fratria através de duas dimensões do relacionamento fraternal: afeto e hostilidade. A tarefa dos participantes consistiu em responder, numa escala de *Likert* de cinco pontos, em que 1 = *nunca* e 5 = *sempre*, a frequência com que ocorreram um conjunto de comportamentos. A dimensão Afeto inclui oito itens que avaliam o sentimento carinho relativamente ao irmão/a (e.g., “Com que frequência faz coisas boas como ajudar ou fazer favores ao seu irmão/à sua irmã?”); e a dimensão Hostilidade incluiu cinco itens que avaliam comportamentos agressivos face ao irmão/a (e.g., “Com que frequência diria que faz ao seu irmão ou à sua irmã coisas como provocar, irritar ou chamar-lhe nomes?”). Quanto mais elevadas as pontuações obtidas, maior o nível de afeto e hostilidade.

No estudo de validação do SRI (Stocker & McHale, 1992), com uma amostra de adolescentes, o instrumento revelou níveis de consistência interna adequados para as dimensões afeto com um $\alpha = .77$ e hostilidade com um $\alpha = .71$. No estudo de adaptação da versão portuguesa, em curso, com uma amostra de adultos emergentes, o instrumento revelou também níveis adequados de consistência interna: $\alpha = .74$ para a dimensão hostilidade e $\alpha = .83$ para a dimensão afeto.

Escala de Identificação ao Grupo (EIG-F; versão original: Tarrant, 2002; versão adaptada: Magalhães & Calheiros, 2015; versão adaptada para fratrias: (Magalhães & Prioste, 2018). A EIG-F é um instrumento de autorrelato que avalia a identificação à fratria através de 12 itens. A tarefa dos participantes consistia em classificar o grau de concordância com as afirmações, utilizando, para tal, numa escala de *Likert* de 11 pontos, de 0 = *discordo completamente* a 10 = *concordo completamente*. A EIG avalia três dimensões: (a) a autocategorização, que se refere à pertença ao grupo e a percepção da pessoa enquanto membro do grupo através de seis itens (e.g., “Identifico-me com este grupo”); (b) a avaliação ao grupo que envolve a forma como o indivíduo avalia e valoriza o grupo e integra quatro itens (e.g., “Penso que este grupo é importante”); e (c) o compromisso que inclui a percepção da relação e do compromisso com os outros elementos do grupo e é composta por dois itens (e.g., “Eu não me encaixo bem com os outros elementos deste grupo”). Quanto mais elevadas as pontuações obtidas, maior o nível de identificação com a fratria, sendo para tal necessário inverter alguns itens da escala.

No estudo de Magalhães e Calheiros (2015), com uma amostra de 400 adolescentes portugueses, as dimensões do EIG mostraram níveis de consistência interna adequados: $\alpha = .75$ para a dimensão compromisso, $\alpha = .93$ para a dimensão autocategorização e $\alpha = .86$ para a dimensão autoavaliação. No presente estudo, as dimensões do EIG também demonstraram níveis aceitáveis de consistência interna: $\alpha = .98$ para a autocategorização, $\alpha = .89$ para a avaliação do grupo e $\alpha = .65$ para o compromisso.

Inventário de Sintomatologia Psicológica (Brief Symptom Inventory, BSI; versão original: L. Derogatis, 1982; tradução e adaptação para a população portuguesa: M. C. Canavarro, 1999, 2007). Este instrumento de autorrelato é constituído por 53 itens que avaliam nove dimensões (somatização, obsessão-compulsão, sensibilidade

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranoide e psicoticíssimo) e três índices globais que medem a perturbação emocional (índice geral de sintomas, índice de sintomas positivos e total de sintomas positivos). Foi pedido aos participantes que qualificassem a intensidade em que foram afetados por um conjunto de sintomas, durante a última semana, através duma escala de *Likert* de cinco pontos (0 = *nunca* a 4 = *muitíssimas vezes*). No presente estudo só foi utilizada a dimensão da depressão que mede os sintomas de afecto e humor disfórico, perda de energia vital, falta de motivação e de interesse pela vida através de seis itens (e.g., “Pensamentos de acabar com a vida”). Quanto mais elevadas as pontuações obtidas na dimensão, maior a depressão.

No estudo de Canavarro (2007), com uma amostra composta por 551 participantes, o BSI apresentou níveis de consistência interna adequados, sendo que a dimensão depressão apresentou um valor de alfa de .85. No presente estudo, a dimensão depressão revelou também um nível de consistência interna adequado ($\alpha = .86$).

Procedimento de recolha de dados

A recolha de dados decorreu após aprovação do projeto de investigação pela Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Científica da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (EPCV, ULHT). A amostra do presente estudo foi seleccionada a partir de uma amostra mais alargada de 357 adultos emergentes que participaram num estudo sobre o papel da fratria no desenvolvimento da identidade na adultez emergente. Foram estabelecidos como critérios de inclusão no estudo: (a) ter nacionalidade portuguesa (b) ter entre 18 e 30 anos de idade; e (c) ter um irmão ou uma irmã com idade compreendida entre 18 e 30 anos. Uma amostra de 130 participantes cumpriu os critérios de inclusão explicitados e integrou o estudo. Foram excluídos 88 participantes por não terem nacionalidade portuguesa ($n = 88$, 24.6%), 4 participantes que tinham idades inferiores a 18 anos ou superiores a 30 anos ($n = 4$, 1.2%) e 135 participantes porque tinham mais que um irmão ou irmã ($n = 135$, 37.82%).

A amostra recolhida foi não probabilística e foi recolhida através da técnica “bola-de-neve”. Os dados foram recolhidos através de aplicações em grupo em instituições de ensino superior (e.g., ULHT, Universidade da Madeira, Universidade de

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão

Lisboa, Universidade Católica Portuguesa) ou individualmente, através dos contactos sociais das investigadoras. Os participantes colaboraram de forma voluntária e sem remuneração, após a explicitação dos objetivos do estudo, a garantia da confidencialidade dos dados recolhidos e a assinatura do consentimento informado. Foram esclarecidas dúvidas relacionadas com as questões e/ou vocabulário, sempre que os/as participantes solicitaram.

Procedimento de análise de dados

Após a recolha dos dados, estes foram introduzidos e analisados no *software Statistical Package for the Social Sciences* versão 22 (SPSS). Inicialmente, para explorar o primeiro objetivo proposto, procedeu-se à análise da estatística descritiva das variáveis e à análise das correlações entre as variáveis através das correlações de Pearson (Marôco, 2014).

De seguida, foi criada a variável posição na fratria, agrupando os participantes em irmãos/irmãs mais velho/as e irmãos/irmãs mais novos/as. O modelo 3 da macro PROCESS desenvolvida por Hayes (2012), para SPSS, foi utilizado para analisar o papel moderador da posição na fratria na relação entre as dimensões da identificação ao grupo e a sintomatologia depressiva (correspondente ao segundo objetivo) e entre as dimensões da relação na fratria e a sintomatologia depressiva (correspondente ao terceiro objetivo).

Resultados

Estatística descritiva e análise das correlações

Através da análise do Quadro 1, verifica-se que a auto categorização se encontra associada: positiva e significativamente à avaliação do grupo, ao afeto e ao compromisso (associação moderada); e negativa e significativamente à depressão (associação moderada) e hostilidade (associação fraca). Observou-se uma associação positiva, moderada e significativa entre a avaliação do grupo e o compromisso. Em relação ao compromisso, os resultados mostram que este se encontra associado negativa e significativamente à depressão (associação moderada) e hostilidade (associação fraca). Verificou-se uma associação positiva, moderada e significativa entre a depressão e a hostilidade e associações negativas, fracas e significativas entre o afeto e a hostilidade e entre o afeto e a posição na fratria.

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão

Quadro 1.

Estatística Descritiva e Análise das Correlações entre a Autocategorização, a Avaliação do grupo, o Compromisso, a Depressão, o Afeto, a Hostilidade e a Posição na fratria (N = 130)

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7
1. Autocategorização	-						
2. Avaliação do grupo	.40**	-					
3. Compromisso	.42**	.46**	-				
4. Depressão	-.33**	.12	-.39**	-			
5. Afeto	.49**	.17	.17	-.07	-		
6. Hostilidade	-.19*	-.16	-.19*	.36**	-.25**	-	
7. Posição na fratria	-.17	-.1	-.07	.11	-.18*	.09	-
M	8.44	9.11	8.47	.65	3.44	2.12	
DP	1.81	1.62	2.23	.71	.72	.63	
Mín	1.67	1.75	1	0	1.75	1	
Max	10	10	10	3.67	5	3.75	

Análise do papel moderador da posição na fratria na relação entre a identificação ao grupo e a sintomatologia depressiva

No Quadro 2, apresentam-se os resultados da análise de moderação para a variável posição na fratria na relação entre a autocategorização e a sintomatologia depressiva.

Quadro 2.

Análise do Papel Moderador da Posição na fratria na Relação entre Autocategorização e a Sintomatologia Depressiva

Preditores	Sintomatologia depressiva					
	B	SE	t	P	Boostrapping biascorrected	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	.42	.19	2.17	.03	.04	.79
Posição na fratria (PF)	.15	.12	1.25	.21	-.09	.39
Autocategorização (AC)	.10	.11	.83	.40	-.13	.32
AC x PF	-.14	.07	-2,01	.04	-.27	.00

Os resultados obtidos indicaram que o modelo é significativo e explica 14.81% da variância, $F(3,122) = 7.07, p < .001$. Através da análise do Quadro 2, observa-se que a posição na fratria tem um papel moderador na relação entre a autocategorização e a sintomatologia depressiva ($b = -.14, p < .05$).

A existência deste efeito moderador sugere que o efeito da autocategorização na sintomatologia depressiva é significativamente diferente consoante a posição na fratria, sendo que esta relação se encontra apresentada graficamente na Figura 1. Assim, quando o nível de autocategorização é reduzido, o grupo de irmãos/irmãs mais novo tende a apresentar valores mais elevados de sintomatologia depressiva, em comparação com o grupo de irmãos/irmãs mais velho/as.

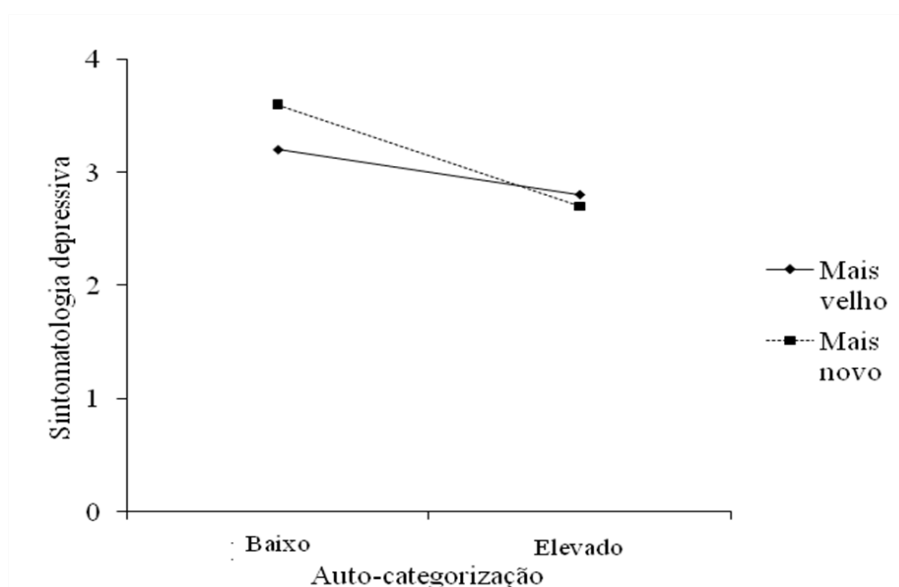


Figura 1. Efeito moderador da posição na fratria na relação entre a autocategorização e sintomatologia depressiva.

No Quadro 3 encontram-se apresentados os resultados da análise de moderação para a variável posição na fratria na relação entre a avaliação do grupo e a sintomatologia depressiva.

Quadro 3.

Análise do Papel Moderador da Posição na Fratria na Relação entre Avaliação do Grupo e a Sintomatologia Depressiva

Preditores	Sintomatologia depressiva					
	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>T</i>	<i>p</i>	<i>Boostrapping biascorrected</i>	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	.35	.20	1.78	.08	-.04	.74
Posição na fratria (PF)	.19	.12	1.55	.12	-.05	.44
Avaliação do grupo (AG)	.24	.12	2.03	.04	.00	.49
AG x PF	-,19	.08	-2.52	.01	-.35	-.04

Os resultados indicaram que o modelo é significativo ($F(3,122) = 3.53, p < .05$), explicando 8% da variância. Pela análise do Quadro 3, observa-se que a posição na fratria tem um papel moderador na relação entre a avaliação do grupo e a sintomatologia depressiva ($b = -.19, p < .05$). Reforça-se ainda o efeito total que a avaliação do grupo ($b = .24, p < .001$) tem na sintomatologia depressiva.

A existência do efeito moderador da posição na fratria sugere que o efeito da avaliação do grupo na sintomatologia depressiva é significativamente diferente em função da posição na fratria. Em ambos os grupos, a sintomatologia depressiva tende a diminuir com o aumento da avaliação do grupo; contudo, esta relação é mais evidente no grupo de irmãos/irmãs mais novo/as. Quando o nível de avaliação do grupo é baixo, o grupo de irmãos/irmãs mais novo tende a ter valores mais elevados de sintomatologia depressiva, em comparação com o grupo de irmãos/irmãs mais velho/as.

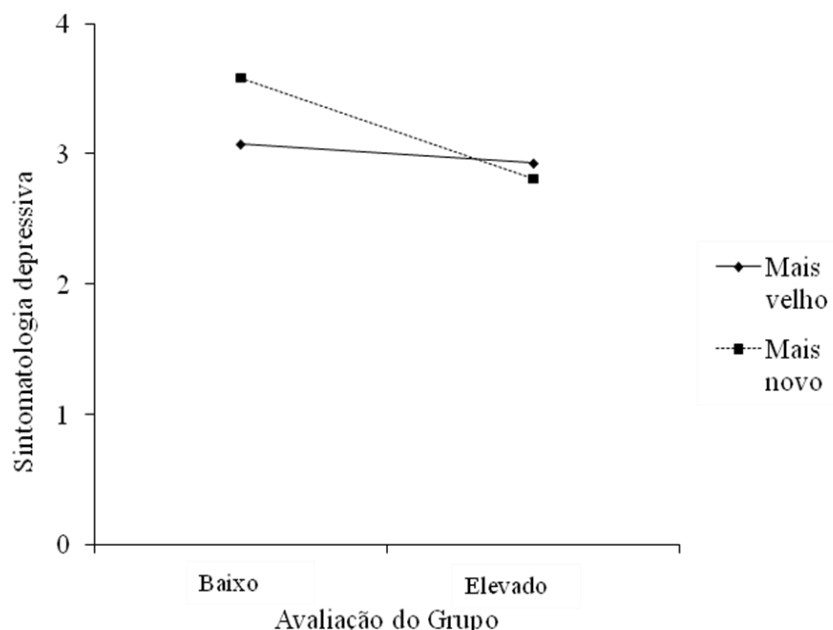


Figura 2. Efeito moderador da posição na fratria na relação entre a avaliação do grupo e sintomatologia depressiva.

Os resultados da análise de moderação da posição na fratria na relação entre o compromisso e a sintomatologia depressiva mostraram que, apesar de o modelo ser significativo ($F(3,122) = 8.61, p < .001$) e explicar 17% da variância, não existem preditores significativos.

Análise do papel moderador da posição na fratria na relação entre as dimensões relacionais da fratria e a sintomatologia depressiva

Os resultados da análise de moderação da posição na fratria na relação entre o afeto e a sintomatologia depressiva mostraram que o modelo não é estatisticamente significativo ($F(3,123) = 1.47, p > .05$). Os resultados da análise de moderação da posição na fratria na relação entre a hostilidade e a sintomatologia depressiva mostraram que, apesar de o modelo ser significativo ($F(3,122) = 7.49, p < .001$) e explicar 15.45% da variância, não existem preditores significativos.

Discussão

Neste estudo pretendeu-se analisar, numa amostra com adultos emergentes, a relação entre a qualidade da relação na fratria, a identificação com o grupo, a posição na fratria e a sintomatologia depressiva, o papel moderador da posição na fratria na relação entre a (a) identificação com o grupo e a sintomatologia depressiva e (b) a relação na

fratria e a sintomatologia depressiva. Pretendeu-se dar resposta aos problemas de investigação identificados previamente na revisão de literatura, nomeadamente a inexistência de estudos que analisem estas relações em amostras de adultos emergentes.

No geral, as associações encontradas entre as dimensões da relação na fratria e as dimensões da identificação ao grupo, sugerem que quanto maior é a identificação ao grupo da fratria, mais positiva e menos negativa é a percepção da dinâmica relacional do grupo (i.e., maior nível de afeto e menor nível de hostilidade). Este resultado vai ao encontro da evidência prévia (Magalhães & Calheiros, 2015) que sugere que quanto mais os adolescentes se identificam com o seu grupo em acolhimento residencial (considerando as variáveis da autocategorização e a avaliação ao grupo), mais positiva e menos negativa era a percepção do grupo de referência (*in group*). Enquanto as componentes cognitivas (i.e., compromisso) e avaliativa (i.e., avaliação do grupo) da identificação ao grupo se associaram à hostilidade, a componente afetiva associou-se quer com o afeto, quer com a hostilidade. Deste modo, estes resultados sublinham que, por um lado, o sentimento de pertença ao grupo desenvolve-se através de relações fraternais positivas e que, por outro, é a positividade relacional que cria um contexto favorável para a fratria desenvolva um sentimento de pertença. Os resultados mostram que a percepção de níveis elevados de agressividade e crítica na relação fraternal contribui para que o grupo fraternal seja avaliado negativamente, desvalorizando a necessidade de um irmão/uma irmã se comprometer com o/a outro/a. A percepção negativa pode reflectir-se na necessidade de ocultar a pertença ao grupo ou no sentimento de inferioridade por ser um membro do grupo (Magalhães & Calheiros, 2015), o que poderá *per se* contribuir para o aumento da conflituosidade e hostilidade na relação entre irmãos/irmãs.

Os resultados indicaram uma relação positiva entre a depressão e a hostilidade, o que vai de encontro aos resultados de trabalhos internacionais anteriores (e.g., Figueiredo et al., 2002; Gayet, 1993; Lopes et al., 2017; Mowrer & Parker, 2004) que mostraram uma associação negativa entre a sintomatologia depressiva e relações fraternais de qualidade. Na mesma linha, estudos realizados em Portugal mostraram também uma associação negativa entre a qualidade das relações fraternais e o desenvolvimento da psicopatologia (e.g., Figueiredo, Fernandes, Matos, & Maia, 2002).

As associações negativas entre a autocategorização e compromisso e a depressão sugerem que a identificação ao grupo fraternal poderá funcionar como fator protetor das

trajectórias desenvolvimentais na adultez emergente. Neste sentido, realça-se a importância do sentido de pertença ao grupo e do compromisso com este, como possíveis estratégias para lidar com os stressores internos e externos associados a esta transição desenvolvimental e para negociar a autonomia e a manutenção da conexão com a família.

A associação negativa encontrada entre o afeto e a posição na fratria sugere que quanto menor a posição na fratria (i.e., irmãos/irmãs mais novos/as), maior a percepção de afeto na relação fraternal. Este resultado apoia a ideia de que a posição na fratria é uma variável influente no desenvolvimento (e.g., Adler, 1984; Dunn & Plomin, 1992; Fernandes, 2002; Fernandes et al., 2007; Mota et al., 2011) e na atribuição de papéis familiares (Toman, 1961). Estes resultados podem também ser lidos à luz dos resultados do trabalho de Sulloway (1997) que mostra que os irmãos mais velhos cumprem uma função de cuidado face aos mais novos. Assim, hipotetizamos que a responsabilidade na prestação de cuidados aos mais novos e o facto de serem percebidos como modelos e base segura de exploração do meio (Dunn & Kendrick, 1986; Stewart, 1983), poderão contribuir para a explicação do resultado encontrado.

No que concerne ao papel moderador da posição na fratria, os resultados mostraram um efeito de moderação estatisticamente significativo quer na relação entre a autocategorização e a sintomatologia depressiva, quer na relação entre a avaliação do grupo e a sintomatologia depressiva. O facto de o grupo de irmãos/irmãs mais novo apresentar valores mais elevados de sintomatologia depressiva quando o nível de autocategorização é baixo, em comparação com o grupo de irmãos/irmãs mais velho, sublinha a importância do sentimento de pertença ao grupo fraternal no ajustamento psicológico do/as irmãos/irmãs mais novo/as. Do mesmo modo, os dados mostraram que a sintomatologia depressiva tende a diminuir com o aumento do nível da avaliação do grupo, em ambos os grupos; apesar de esta relação ser mais clara no grupo de irmãos/irmãs mais novo/as.

Estes resultados podem ser compreendidos à luz da literatura que mostra que os irmãos/as irmãs mais novos/as tendem a perceber o irmão mais velho/ a irmã mais velha como companheiro/a, confidente e apoiante no desenvolvimento de resiliência (Sanders, 2004; Werner, 1990) e que a identificação ao grupo contribui para o desenvolvimento social e ajustamento psicológico (Cruwys et al., 2013, 2015; Kirchler, Palmonari, & Pombeni, 1993; Palmonari, Pombeni, & Kirchler, 1990; Sani, Herrera, Wakefield, Boroch, & Gulyas, 2012; Ysseldyk, Matheson, & Anisman, 2010, 2011).

Neste sentido, hipotetizamos que os irmãos mais novos se sintam mais fragilizados e desprotegidos quando não se percebem como pertencentes ao grupo fraternal e não encontram suporte no irmão/a mais velho/a, o que se reflecte no aumento da sintomatologia depressiva.

No geral, os resultados referentes ao papel moderador da posição na fratria poderão sugerir que ser irmão/irmã mais novo/a numa fratria com a qual não se identifique poderá funcionar como um fator de risco para o desenvolvimento de perturbações depressivas na adultez emergente.

Implicações para a literatura e para a prática

Os resultados deste trabalho, que apontam para a associação entre a hostilidade fraternal e a sintomatologia depressiva, têm implicações para a literatura da psicologia da família, ao mostrarem a importância da dinâmica relacional fraternal no desajustamento psicológico. Os resultados sobre as associações entre as dimensões da identificação ao grupo e a sintomatologia depressiva poderão ter implicações para a literatura nas áreas da psicologia social, clínica e da família, na medida em que sublinham o papel da ligação/conexão emocional do grupo fraternal no ajustamento de adultos emergentes. Como não foram identificados estudos anteriores focados na identificação ao grupo fraternal, este estudo apresenta um contributo inovador nas áreas referidas. Para além disso, as relações encontradas entre a identificação ao grupo fraternal e a relação na fratria poderão ter implicações para a prática e para a literatura nas áreas da Psicologia da Família e Psicologia Social.

O facto de os resultados sugerirem que ser irmão mais novo numa fratria com a qual não se identifique poderá funcionar como um fator de risco para o desenvolvimento de perturbações depressivas na adultez emergente poderá ter implicações para a literatura na área da psicologia da família, psicologia clínica e psicopatologia do desenvolvimento, ao mostrarem a importância da posição na fratria nas trajetórias desenvolvimentais na adultez emergente.

Este trabalho poderá também ter implicações para a prática clínica, nomeadamente, para o desenvolvimento de linhas de intervenção com fratrias constituídas por adultos emergentes, através do foco na qualidade relacional e na identidade fraternal.

Limitações e Estudos Futuros

Embora possa pesar o contributo deste trabalho para a expansão do conhecimento nas áreas referidas, importa considerar também as suas limitações. Por um lado, a amostra deste estudo é reduzida, de conveniência e maioritariamente constituída por adultos emergentes do sexo feminino, estudantes no Ensino Superior e residentes na zona da Grande Lisboa, o que não permite a sua generalização à população portuguesa. Para além disso, como só foram estudadas fratrias biológicas constituídas por dois elementos, os dados não se podem generalizar a outro tipo de fratrias (e.g., irmãos/irmãs adoptivo/as e meios-irmãos/irmã) ou a fratrias numerosas (e.g., com três ou mais elementos). Tendo sido usado um desenho transversal, não podemos aceder à dinâmica entre as variáveis ao longo do tempo, o que não permite também o estabelecimento de relações causais entre as variáveis. Como os instrumentos utilizados são medidas de autorrelato, há que ter em conta os potenciais enviesamentos dos dados por desejabilidade social.

Em estudos futuros seria importante colmatar as lacunas identificadas através da inclusão de uma amostra mais alargada e da condução de um estudo longitudinal. Para aumentar a validade externa, poder-se-ia incluir amostras de irmãos/irmãs adoptivos e de meios-irmãos. Seria também interessante conduzir um estudo que analisasse o papel mediador da identificação ao grupo na relação entre a qualidade da relação na fratria e a sintomatologia psicológica e o papel moderador da posição na fratria nestas relações. Nos estudos futuros seria interessante estudar o papel de outras variáveis moderadoras (e.g., dimensão da fratria).

Referências

- Adler, A. (1984). *Conocimiento del hombre*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica* (1ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Almodovar, J. P. (1986). Construction et économie des liens fraternels. *Le Groupe Familial*, 111(4), 2-8.
- Arnett, J. J. (1998). Learning to stand alone: The contemporary American transition to adult-hood in cultural and historical context. *Human Development*, 41, 295-315. doi:10.1159/000022591.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-580. doi:10.1037//0003-066X.55.5.469.
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development*, 8, 133-143.
- Arnett J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York, NY: Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2015). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties* (2nd ed.). New York, NY: Oxford University Press.
- Bailis, D. S., Chipperfield, J. G., & Helgason, T. R. (2008). Collective self-esteem and the onset of chronic conditions and reduced activity in a longitudinal study of aging. *Social Science & Medicine*, 66, 1817– 1827. doi:10.1016/j.socscimed.2007.12.028
- Bank, S. P., & Kahn, M. D. (1997). *The sibling bond* (2nd Ed.). New York, USA: Basic Books.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301-313.
- Brody, G. (1998). Sibling relationship quality: Its causes and consequences. *Annual Review of Psychology*, 49, 1-24. doi: 10.1146/annurev.psych.49.1.1
- Brown, J., & Dunn, J. (1996). Continuities in emotion understanding from three to six years. *Child Development*, 67, 789-802. doi:10.1111/j.1467-8624.1996.tb01764

- Brown, B. B., Donelan-McCall, N., & Dunn, J. (1996). Why talk about mental states? The significance of children's conversations with friends, siblings, and mothers. *Child Development*, 67, 836-849. doi:10.1111/j.1467-8624.1996.tb01767
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1990). Perceptions of sibling relationships during middle childhood and adolescence. *Child Development*, 61, 1387-1398. doi:10.1111/j.1467-8624.1990.tb02869
- Bullock, B. M., & Dishion, T. J. (2002). Sibling collusion and problem behavior in early adolescence: towards a process model for family mutuality. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30(2), 143–153. doi:10.1023/A:1014753232153
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos-BSI. In M., Simões, M., Gonçalves & L. S., Almeida (Series Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 1-27). Braga: APPORT/SHO.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de sintomas psicopatológicos: Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M., Simões, C., Machado, M., Gonçalves, & L., Almeida (Series Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população Portuguesa* (vol. III, pp. 305-330). Coimbra: Quarteto Editora.
- Cava, M. J., Buelga, S., Herrero, J., & Musitu, G. (2011). Factor structure of the Spanish adaptation of Tarrant's Group identification scale. *Psicothema*, 23(4), 772–777.
- Cruwys, T., Dingle, G. A., Haslam, C., Haslam, S. A., Jetten, J., & Morton, T. A. (2013). Social group memberships protect against future depression, alleviate depression symptoms and prevent depression relapse. *Social Science & Medicine*, 98, 179 – 186. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.09.013>
- Cruwys, T., Haslam, S. A., Dingle, G. A., Haslam, C., & Jetten, J. (2014). Depression and social identity: An integrative review. *Personality and Social Psychology Review*, 18, 215–238. doi:10.1177/1088868314523839
- Cruwys, T., Haslam, S. A., Dingle, G. A., Jetten, J., Hornsey, M. J., Chong, E. M. D., & Oei, T. P. S. (2014). Feeling connected again: Interventions that increase social identification reduce depression symptoms in community and clinical settings. *Journal of Affective Disorders*, 159, 139–146. doi: 10.1016/j.jad.2014.02.019
- Cruwys, T., South, E., Greenaway, K. H., & Haslam, S. A. (2015). Social identity reduces depression by fostering positive attributions. *Social Psychological and*

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão

Personality Science, 6, 65–74. doi:10.1177/1948550614543309

Delongis, R., Coyne, J. C., Dakof, G., Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1982). Relationships of daily hassles, uplifts, and major life events to health states.

Health Psychology, 1, 119–136.

Dunn, J. (1983). Sibling relationships in early childhood. *Child Development*, 54, 787-811.

Dunn, J., & Kendrick, C. (1986). *Hermanos y hermanas*. Madrid: Alianza Editorial. *Psychology*, 31, 410-436. doi:10.1006/jesp.1995.1018.

Dunn, J., & Plomin, R. (1992). *Frères et soeurs si différents: Les vies distinctes dans la famille*. Paris: Editions Nathan.

Dunn, J., Slomkowski, C., & Beardsall, L. (1994). Sibling relationships from the preschool period through middle childhood and early adolescence.

Developmental Psychology, 30, 315–324.

Erikson, E. H. (1972). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.

Faber, A., & Mazlish, E. (1995). *Jalousies et rivalités entre frères et soeurs*. Paris: Éditions Stock. (obra original publicada em 1987).

Farver, J. A. M., & Wimbarti, S. (1995). Indonesian children's play with their mothers and older siblings. *Child Development*, 66, 1493-1503. doi:10.1111/j.1467-8624.1995.tb00947

Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.

Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão: as relações entre irmãos nas famílias actuais*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.

Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 297-304. doi:10.1590/S0103166X2007000300001

Figueiredo, B., Fernandes, E., Matos, R., & Maia, A. (2002). Maus tratos na infância: Trajectórias desenvolvimentais e intervenção psicológica na idade adulta. In R. Abrunhosa & C. Machado (coord.), *Violência e vítimas de crimes, vol. I: Adultos* (pp. 200-263). Coimbra: Quarteto Editora.

Foote, R., & Holmes-Lonergan, H. (2003). Sibling Conflict and Theory of Mind. *British Journal of Developmental Psychology*, 21(1), 45-58. doi:10.1348/026151003321164618

Francisco, R., Monteiro, A., Pinto, J. & Gaspar, A. (2016). Reflexões sobre a família contemporânea. Estudo empírico com estudantes da Universidade Católica

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão

- Portuguesa. H., Pinto, & J., Sardica (Series Eds), *Família: Essência e Multidisciplinaridade* (pp. 355-394). Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Gavet, D. (1993). *Les relations fraternelles: approches psychologiques et anthropologiques des fratries*. Nêuchatel/Paris: Delachaux et Niestlé.
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de se ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13(2), 293-308.
- Greenaway, K. H., Haslam, S. A., Cruwys, T., Branscombe, N. R., Ysseldyk, R., & Heldreth, C. (2015). From “We” to “Me”: Group identification enhances perceived personal control with consequences for health and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(1), 53-74. doi:10.1037/pspi0000019
- Grigsby, K. (1994). Maintaining attachment relationships among children in foster care. *Families in Society: Journal of Contemporary Human Services*, 75(5), 269-276.
- Haslam, S. A., Reicher, S. D., & Levine, M. (2012). When other people are heaven, when other people are hell: How social identity determines the nature and impact of social support. In J. Jetten, C. Haslam, & S. A. Haslam (Eds.), *The social cure: Identity, health and well-being* (pp. 157–175). New York: Psychology Press.
- Hayes, A. F. (2012). PROCESS: A versatile computational tool for observed variable mediation, moderation, and conditional process modeling [White paper]. Retirado de <http://www.afhayes.com/public/process2012.pdf>
- Hinde, R. (1979). *Towards understanding relationships*. London: Academic Press.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Estatísticas do emprego – 1º trimestre de 2011*. Consultado em 22 de julho de 2011, em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=107450480&DESTAQUESmodo=2
- Instituto Nacional de Estatística (2016). *Anuário Estatístico de Portugal 2016*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, IP.
- Iyer, A., Jetten, J., Tsivrikos, D., Postmes, T., & Haslam, S. A. (2009). The more (and the more compatible) the merrier: Multiple group memberships and identity compatibility as predictors of adjustment after life transitions. *British Journal of Social Psychology*, 48, 707–733. doi:10.1348/014466608X397628
- Kaës, R. (2008). *Le complexe fraternel*. Paris, France: Dunod.

- Kiesner, J., Cadinu, M., Poulin, F., & Bucci, M. (2002). Group identification in early adolescence: Its relation with peer adjustment and its moderator effect on peer influence. *Child Development*, 73, 196–208.
- Kessler, R. C., Berglund, P., Demler, O., Jin, R., Merikangas, K. R., & Walters, E. (2005). Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of DSM-IV disorders in the national comorbidity survey replication. *Archives of General Psychiatry*, 62, 593–602.
- Kirchler, E., Palmonari, A., & Pombeni, M. L. (1993). Developmental tasks and adolescents' relationships with their peers and their family. In S. Jackson, & H. Rodriguez-Tome' (Eds.), *Adolescence and its social worlds* (pp. 145–167). Hove: Lawrence Erlbaum.
- Korte, R., F. (2007). A review of social identity theory with implications for training and development. *Journal of European Industrial Training*, 31(3), 166–180, doi:10.1108/03090590710739250
- Khan, S. S., Hopkins, N., Tewari, S., Srinivasan, N., Reicher, S. D., & Ozakinci, G. (2014). Efficacy and well-being in rural North India: The role of social identification with a large-scale community identity. *European Journal of Social Psychology*, 44, 787–798. doi:10.1002/ejsp.2060
- Lopes P. P., Fernandes O. M., & Relva I. C. (2017). A Violência como tática de resolução de conflitos entre irmãos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 113, 149-172. doi:10.4000/rccs.6696
- Magalhães, E., & Calheiros, M. M. (2015). Group identification of youth in residential care: Evidences of measurement and dimensionality. *Child Indicators Research*, 8(2), 375–388. doi:10.1007/s12187-014-9257-3
- Magalhães, E., Calheiros, M. M., & Costa, P. (2016). To be or not to be a rights holder: Direct and indirect effects of perceived rights on psychological adjustment through group identification in care. *Children and Youth Services Review*, 71, 110-118. doi:10.1016/j.childyouth.2016.10.039
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística- Com o SPSS Statistics* (6ª Ed.). Pêro Pinheiro: Report Number.
- Mawson, E., Best, D., & Lubman, D. (2016). Associations between social identity diversity, compatibility, and recovery capital amongst young people in substance use treatment. *Addictive Behaviors Reports*, 4, 70-77.

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão

Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: adaptação do questionário de marcadores de adultez junto de jovens portugueses. *Psychologica*, 51, 147-168.

Michael, Kiecolt, Keith, & Demo, (2015) Racial identity and well-being among African Americans. *Social Psychology Quarterly*, 78(1) 25–48.
doi:10.1177/0190272514554043

Michalski, R., & Euler, H. (2008). Evolutionary perspectives on sibling relationships. In C. Salmon & T. Shackelford (Eds.), *Family relationships: An evolutionary perspective*. (pp. 185-204). New York: Oxford University Press.

Miller, E., McCullough, C., & Johnson, J. (2012). The association of family risk factors with suicidality among adolescent primary care patients. *Journal of Family Violence*, 27(6), 523-529.

Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Minuchin, P. (1988). Relationships within the family: A systems perspective on development. In R. A. Hinde, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families. Mutual influences* (pp. 7–25). Oxford: Clarendon Press.

Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Mota, C. P., Fernandes, O. M., & Serra, L. I. (2011). *Sibling relationship questionnaire* (Manuscrito não publicado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Mota, C., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: Crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.

Mowrer, R. R., & Parker, K. N. (2004). Revised multicultural perspective index and measures of depression, life satisfaction, shyness, and self-esteem. *Psychological Reports*, 95(3 Pt 2), 1227-8.

Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1990). Adolescents and their peer groups: A study on the significance of peers, social categorization processes and coping with developmental tasks. *Social Behaviour*, 5, 33–48.

Perner, J., Ruffman, T., & Leekam, S. R. (1994). Theory of mind in contagious: You catch it from your sibs. *Child Development*, 65, 1228-1238. doi:10.1111/j.1467-

8624. 1994.tb00814

- Prioste, A., Ascensão, C., Magalhães, E., Jongenelen, I. (in press). Relação entre valores pessoais, *social connectedness* e desenvolvimento da identidade em adultos emergentes portugueses. *Revista Crítica de Ciências Sociais*.
- Prioste, A., Cruz, D., & Narciso, I. (2010). Circularidade Relacional: padrões de funcionalidade familiar percebidos e o ajustamento psicológico em adolescentes. *Psychologica*, 52(1), 447-467.
- Reicher, S. D., & Haslam, S. A. (2006). On the agency of individuals and groups: Lessons from the BBC Prison Study. In T. Postmes & J. Jetten (Eds.), *Individuality and the group: Advances in social identity* (pp. 237–257). London: Sage.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo de vida familiar: perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M. T. (2016). Contributos da psicologia para o estudo da família. In R., Francisco, J., Pinto, & H., Pinto (Series Eds.) (2016). *Família e Psicologia: Contributos para a investigação e intervenção [Family and Psychology: Contributions to research and intervention]* (pp. 11-23). Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Riggs, S. A., & Han, G. (2009). Predictors of anxiety and depression in emerging adulthood. *Journal of Adult Development*, 16(1), 39-52.
- Sani, F., Herrera, M., Wakefield, J. R. H., Boroch, O., & Gulyas, C. (2012). Comparing social contact and group identification as predictors of mental health. *British Journal of Social Psychology*, 51, 781–790.
doi:10.1111/j.20448309.2012.02101.x
- Sanders, R. (2004). *Sibling relationships - theory and issues for practice*. New York: Palgrave Macmillan.
- Schulenberg, J. E., Bryant, A. L., & O'Malley, P. M. (2004). Taking hold of some kind of life: How developmental tasks relate to trajectories of well-being during the transition to adulthood. *Development and Psychopathology*, 16, 1119–1140.
- Schulenberg, J. E., Sameroff, A. J., & Cicchetti, D. (2004). The transition to adulthood as a critical juncture in the course of psychopathology and mental health. *Development and Psychopathology*, 16, 799–806.

- Seligman, L. D., & Ollendick, T. H. (1998). Comorbidity of anxiety and depression in children and adolescents: An integrative review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 1, 125–144.
- Silveira, M. (2009). Da rivalidade ao amor: Irmãos para sempre. *Investigação*, 9(1), 33–44. doi:10.26843/investigacao.v9i1.36
- Spears, R. (2011). Group identities: The social identity perspective. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 201–224). New York: Springer.
- Stein, M. (2006). Young people aging out of care: The poverty of theory. *Children and Youth Services Review*, 28, 422–435.
- Stewart, R. B. (1983). Sibling attachment relationships: Child-infant interactions in the strange situation. *Developmental Psychology*, 19(2), 192–199.
- Stocker, C. M., & McHale, S. M. (1992). The nature and family correlates of preadolescents' perceptions of their sibling relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 179–185.
- Sulloway, F. J. (1997). *Born to rebel: birth order, family dynamics, and creative lives*. Nova Iorque: Vintage Books.
- Tajfel, H. (1978). Social categorization, social identity and social comparison. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations* (pp. 61–76). London: Academic Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33–47). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Tanti, C., Stukas, A. A., Halloran, M. J., & Foddy, M. (2011). Social identity change: Shifts in social identity during adolescence. *Journal of Adolescence*, 34(3), 555–567.
- Tarrant, M. (2002). Adolescent peer groups and social identity. *Social Development*, 11(1), 110–123.
- Tarrant, M., Mackenzie, L., & Hewitt, L. (2006). Friendship group identification, multidimensional self-concept, and experience of developmental tasks in adolescence. *Journal of Adolescence*, 29, 627–640. doi:10.1016/j.adolescence.2005.08.012

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão

- Teodoro, M. L. M., Hees, A. R. B., Saraiva, L. A., & Cardoso, B. M. (2014). Problemas emocionais e de comportamento e clima familiar em adolescentes e seus pais. *Psico (Porto Alegre)*, 45(2), 168-175.
- Toman, W. (1959). Family constellation as a basic personality determinant. *Journal of Individual Psychology*, 15, 199-211.
- Toman, W. Gray P. (1961). Family Constellations of “normal” and “disturbed” marriages: An empirical study. *Journal of Individual Psychology*, 17, 93-95.
- Toman, W. (1993). *Family constellation: Its effects on personality and social behaviour* (4th Ed.). New York: Springer Publishing.
- Toman, W. (1995). *Family therapy and sibling position* (2nd Ed.). Northvale, NJ: Jason Aronson.
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). Rediscovering the social group: *A self-categorization theory*. Oxford: Blackwell.
- Tucker, C. J., & Updegraff, K. (2009). The relative contributions of parents and siblings to child and adolescent development. *New Directions for Child & Adolescent Development*, 2009(126), 13-28. doi:10.1002/cd.254
- Volling, B. L. (2003). Sibling relationships. In M. H. Bornstein, L. Davidson, C. L. M. Keyes, K. A. Moore, & the Center for Child Well-being (Eds.) *Well-being: Positive development across the life course* (pp. 205-220). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Werner, E. E. (1990). Protective factors and individual resilience. In E. J. Meisels & S. Shonkoff J. (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 97-116). New York: Cambridge University Press.
- Worchel, S., Iuzzini, J., Coutant, D., & Ivaldi, M. (2000). A multidimensional model of identity. In D. Capozza & R. Brown (Eds.), *Social identity processes: Trends in theory and research* (pp. 15-33). London: Sage.
- Youngblade, L. M., & Dunn, J. (1995). Individual differences in young children's pretend play with mothers and siblings: Links to relationships and understanding of other people's feelings and beliefs. *Child Development*, 66, 1472-1492. doi:10.1111/j.1467-8624.1995.tb00946.
- Ysseldyk, R., Matheson, K., & Anisman, H. (2010). Religiosity as identity: Toward an understanding of religion from a social identity perspective. *Personality and Social Psychology Review*, 14, 60-71.

Sheila Patrícia Carvalho Silva Diogo, Relações no contexto da fratria e sintomatologia depressiva na adultez emergente: Ser o irmão mais velho ou mais novo, eis a questão

Ysseldyk, R., Matheson, K., & Anisman, H. (2011). Coping with identity threat: The role of religious orientation and implications for emotions and action intentions. *Psychology of Religion and Spirituality*, 3, 132– 148. doi:10.1037/a0021599

Ysseldyk, R., Haslam, S. A., & Haslam, C. (2013). Abide with me: Religious group identification among older adults promotes health and well-being by maintaining multiple group memberships. *Aging & Mental Health*, 17, 869–879. doi:10.1080/13607863.2013.799120